

Modalidade da bolsa:

PRPPI/IFAL



ESTUDO DE DESIGNAÇÕES ESPACIAIS EM LETRAS DE FORRÓ

Autor: Kayky Luan Costa Souza / Orientador: Prof. Dr. Odair Silva dos Santos

Introdução

As culturas regionais no Brasil têm vínculos estreitos com a visão que cada comunidade tem sobre o lugar onde vive, assim traços da formação sociogeográfica tornam-se também elementos culturais. Assim, o forró reúne diferentes características que identificam culturalmente o nordeste, principalmente a relação do homem com seu espaço: o sertão.

Objetivo

Examinar as construções de sentidos e interpretações de designadores espaciais (DE) em letras de canções do gênero forró.

Teoria, metodologia e procedimentos

Como procedimentos metodológicos, esta investigação é construída por uma pesquisa sobre a história da musicografia no Nordeste (para contextualizar, selecionar e justificar o conjunto de canções utilizadas), pesquisa lexicográfica (para verificar como os sentidos dos designadores são registrados nos dicionários) e análise introspectiva (na perspectiva do pesquisador).

Para tanto, trabalhamos com a ideia da relação entre léxico, semântica e cognição, buscando subsídios na Linguística Cognitiva para refletir sobre como diferentes vocábulos podem assumir diferentes sentidos em canções regionais, a partir das pesquisas Evans (2009), Fillmore (2009) e Rebelo (s/d).

Asa Branca (Luiz Gonzaga)

Quando oiei a **terra** ardendo
Qual **fogueira de São João**
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha **judiação**
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Quando oiei a **terra ardendo**
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Que **braseiro**, que **fornaia**
Nem um pé de prantação
Por **falta d'água** perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a asa branca



Bateu asas do **sertão**
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Hoje **longe**, muitas **légua**
Numa **triste solidão**
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar ai pro meu **sertão**
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar ai pro meu **sertão**
Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração



Resultados, discussões e considerações finais

Na canção, a voz poética faz a referência ao desejo e à expectativa quanto à chuva em um ambiente hostil de seca. Assim, ao falar do sertão nordestino, a letra constrói metáforas a partir de conceitos lexicais que se conectam com o universo da ausência da água. Por outro lado, há o registro histórico do êxodo de indivíduos de regiões sertanejas em busca de emancipação, porém sem deixar de “amar” seu espaço: o sertão.

A partir desta pesquisa e análise, verificamos os diferentes conceitos de espaço e as relações linguístico-culturais que contribuem para formação cultural, identitária e cidadã de diferentes comunidades.

Referências Bibliográficas

- EVANS, Vyvan. **How Words Mean**: lexical concepts, cognitive models, and meaning construction. Oxford: New York, 2009.
- FILLMORE, Charles J. Semântica de Frames. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, 2009, p. 25-54.
- REBELO, Samantha Cardoso. Forró. In: **Mais definições em trânsito**. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/p_maisdefinicoes.html
- TEIXEIRA, Humberto. **Asa Branca**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/humberto-teixeira/1019461/>